

(RE)VISITANDO SAUSSURE

UM OLHAR PROSPECTIVO SOBRE O SUJEITO E FENÔMENO DA LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA

Arthur Marques de Oliveira

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Arthur Marques de Oliveira é docente no Centro Universitário CESUCA. Doutorando em Estudos da Linguagem (PPGLET) e em Informática na Educação (PPGIE). Mestre em Estudos da Linguagem PPGLET/UFRGS. E-mail: arthur_marques@outlook.com

RESUMO	ABSTRACT
O presente texto oferece a quem lê um estudo prospectivo e epistemológico que envolve o sujeito e o fenômeno da linguagem neutra, linguagem não-binária ou ainda linguagem inclusiva, à luz da teoria saussuriana. Este trabalho, em especial, abarca a relação entre língua, linguagem e sujeito, principalmente tensionando obras que têm a autoria atribuída a Ferdinand de Saussure como, por exemplo, o Curso de Linguística Geral (CLG) e Escritos de Linguística Geral (ELG). Em suma, propõe-se aqui, um construto teórico, uma mobilização de teorias para questões atuais que envolvem a linguística, como a linguagem não-binária. Essa aproximação, perpassa os conceitos de língua, sociedade, sujeito e linguagem.	This paper offers to the reader a prospective and epistemological study involving the subject and the phenomenon of neutral language, non-binary language or even inclusive language, in the light of Saussurian theory. This work, in particular, covers the relationship between language, language and subject, mainly stressing works that have the authorship attributed to Ferdinand de Saussure, such as, for example, the Course of General Linguistics (CLG) and Writings of General Linguistics (ELG). In short, a theoretical construct is proposed here, a mobilization of theories for current issues involving linguistics, such as non-binary language. This approximation permeates the concepts of language, society, subject and language.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ferdinand Saussure; Sujeito; Linguagem não-binária; Estudo prospectivo.	Ferdinand Saussure; Subject; Non-binary language; Prospective study.

INTRODUÇÃO

Para iniciar os trabalhos é necessário colocar que esta pesquisa é lançada com a pretensão de discutir o lugar que a teoria saussuriana ocupa, no que tange a língua e linguagem ao estudo das relações entre o sujeito e linguagem não-binária. Mais especificamente, serão abordados os seguintes objetivos: a) identificar e prover um estudo prospectivo da teoria saussuriana; b) abarcar alguns termos e conceitos da teoria Saussuriana como: língua, linguagem e sujeito e c) aproximar o sujeito circunscrito pela teoria saussuriana do sujeito que (sobre)vive na sociedade atualmente e vem sendo estudado pela Linguística *Queer*.

Com isso, é viável fazer o seguinte questionamento: por quais motivos estudar a linguagem não-binária é da seara dos estudos da linguagem? Bem, elencamos as seguintes justificativas. Representatividade e inclusão: a linguagem não-binária é uma forma de comunicação usada por indivíduos cuja identidade de gênero não se enquadra nas categorias tradicionais de masculino ou feminino. Ignorar ou minimizar essa forma de linguagem é perpetuar a invisibilidade e a exclusão de uma parte significativa da população. Ao estudar a linguagem não-binária, os linguistas podem garantir que todas as vozes sejam representadas e que as experiências de pessoas não-binárias sejam levadas em conta na pesquisa linguística.

Além disso, é preciso ter em mente compreender a diversidade linguística: A linguagem não-binária é apenas uma das muitas formas de expressão linguística que existem no mundo. Cada língua e comunidade linguística tem suas peculiaridades e particularidades. Ao estudar a linguagem não-binária, os linguistas estão expandindo seu conhecimento sobre a riqueza e a diversidade da linguagem humana, enriquecendo suas teorias e perspectivas. Outro aspecto relevante é o desafio às normas linguísticas: a linguagem não-binária muitas vezes desafia as normas linguísticas tradicionais, questionando as estruturas binárias de gênero incorporadas na linguagem. Ao analisar a linguagem não-binária, os estudiosos da linguagem são levados a reconsiderar conceitos arraigados e a explorar a fluidez e a flexibilidade da linguagem, o que pode levar a avanços teóricos e metodológicos na disciplina.

Por fim, refletir sobre poder e identidade: a linguagem é uma ferramenta poderosa que molda nossas percepções e constrói nossa compreensão do mundo. Estudar a linguagem não-binária implica em refletir sobre como a linguagem pode refletir e reproduzir hierarquias de poder e identidade, bem como como pode ser usada para resistir e subverter essas estruturas. Isso possibilita uma análise mais crítica e consciente da influência da linguagem na sociedade e na formação de identidades individuais e coletivas. Em resumo, estudar a linguagem não-binária é crucial para os estudos da linguagem, pois promove a representatividade, inclusão e diversidade linguística, desafia normas estabelecidas e proporciona uma visão mais abrangente e reflexiva sobre o papel da linguagem na sociedade e na formação de identidades de gênero.

Assim, este texto encontra-se dividido da seguinte forma: primeiramente, é realizada uma breve contextualização sobre uma das grandes máximas da Linguística moderna e qual o ponto de vista que será tomado ao olhar com as lentes saussurianas para o sujeito e o fenômeno da linguagem não-binária. Com base nisso, segue-se para o item 2, em que são alocadas algumas considerações importantes sobre linguagem não-binária e identidades de gênero. Em seguida, (no item 3) são colocados em pauta alguns

apontamentos sobre como o estudo prospectivo da teoria saussuriana no Brasil indicando novos olhares tanto para teoria quanto para seus objetos de estudo. Na sequência (item 4), é feita uma discussão sobre os conceitos de língua, linguagem e sujeito, alguns deles já conhecidos da Teoria saussuriana e em especial, o último com uma leitura mais atual. No item 5, busca-se aproximar o sujeito que encontramos em Saussure do sujeito estudado pela Linguística Queer, pois torna-se pertinente relacionar duas formas de fazer linguística. Feito isso, será possível então, abarcar a questão da linguagem não-binária com vistas a explorar sua relação com o sujeito. Por fim, no item 8, encaminhamos a (in)conclusão da discussão apresentada. Para quem está lendo, é feito um convite a reflexão sobre esse tema que trata de questões tão caras que não devem ser tratadas *ad tempus*.

1 ENTENDENDO QUESTÕES PERTINENTES

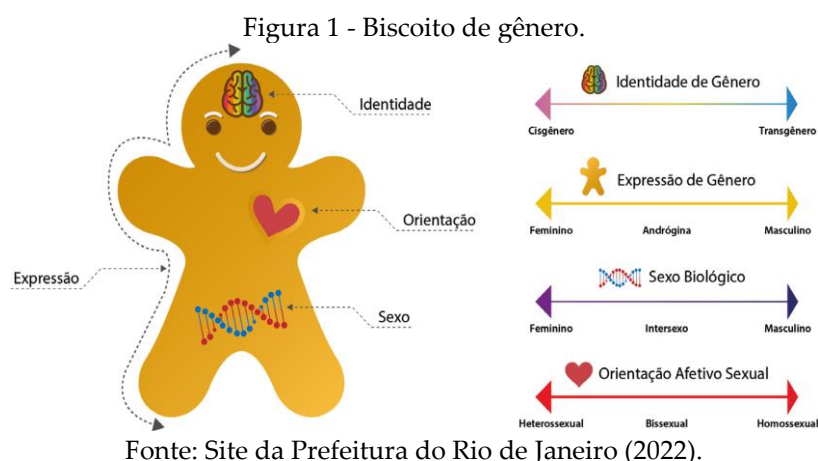
O debate sobre a linguagem não-binária está bastante inflado, dividindo linguistas, ativistas e mexendo com a estrutura de alas e de opiniões conservadoras da sociedade, ainda mais quando pessoas públicas e famosas se identificam como não binárias e passam a demandar o uso da linguagem não-binária por meio dos pronomes de tratamento, também neutros, para se comunicarem com seus admiradores. Casos práticos, como o uso do termo “Alunx” pelo colégio carioca Pedro II, ou como o posicionamento do Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, de suspender a lei do estado de Rondônia, que proíbe a linguagem não-binária na grade curricular e no material didático, fazem com que essa discussão também seja incitada para outras esferas além dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+, ocupando mais espaço e visibilidade em termos de discussões e de opiniões, no âmbito da sociedade em geral.

Um pequeno reflexo dessa amplitude de visibilidade pode ser visto nas seguintes atitudes: i) no movimento contra o uso da linguagem não-binária, por meio de leis apresentadas em diversos estados do Brasil, somando-se pelo menos 34 (trinta e quatro) projetos de lei que visam a proibir a utilização dessa linguagem; e ii) o veto do uso da linguagem não-binária nas escolas municipais e na comunicação externa dos órgãos governamentais feito por vereadores da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, através da aprovação de um projeto de lei. Os exemplos acima são suficientes para mostrar que esse fenômeno possui, no mínimo, 2 vieses: um, que vamos intitular de social e identitário, que trata sobre questões de representatividade e identidades de gênero provenientes dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+; o outro, que consideramos propriamente linguístico e parte do princípio de que as pessoas estão

começando a discutir sobre o uso da língua como uma forma de testemunho ou mecanismo de evidência de sua identidade, via marcação no na língua via linguagem.

Desse modo, aborda-se algumas definições sucintas de termos, acreditando que isso facilitará a leitura dos próximos itens: a) Identidade de gênero: “[...] processos biopsicossociais pelos quais cada pessoa constrói um sentido de si (feminino, masculino ou outro), independentemente do sexo biológico atribuído à nascença” (Lev, 2004, p. 80). Em outras palavras, é uma experiência interna e pessoal face às construções sociais e históricas de gênero; b) expressão de gênero: “[...] forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com as expectativas sociais de um determinado gênero” (Lev, 2004, p. 74.). De outro modo, está ligado aos aspectos culturais da sociedade em que a pessoa vive; c) sexo biológico: atribuído à nascença, ao biológico, como “macho” ou “fêmea”. Refere-se ao sexo anatômico, reprodutivo, morfológico e cromossômico. Contudo, a sexualidade humana não se restringe à redutora concepção binária: masculino e feminino (Stryker, 2006, p. 8); d) orientação afetiva sexual: é a atração ou ligação afetiva que se sente por outra pessoa (Money, 1998, p. 32).

Visando um entendimento mais didático desses termos, utilizamos a ilustração abaixo, disponibilizada virtualmente pela prefeitura do Rio de Janeiro, em seu Guia da diversidade LGBT (2019):



Com isso em mente, é possível constatar que ciência da linguagem é uma disciplina que busca compreender os mecanismos e estruturas que regem as línguas humanas. Nesse contexto, é de extrema importância estar ciente das questões de gênero ao estudar a linguagem não-binária. Em primeiro lugar, o gênero é uma dimensão fundamental da identidade humana, e a linguagem é um reflexo direto dessa complexidade de gênero. Ao ignorar ou minimizar a diversidade de gênero, os linguistas correm o risco de perpetuar uma visão estereotipada e binária da sociedade,

deixando de lado as experiências de indivíduos não-binários. A incorporação da perspectiva de gênero nas pesquisas linguísticas amplia nossa compreensão das diferentes maneiras pelas quais as pessoas se expressam linguisticamente, enriquecendo a diversidade de abordagens e teorias da ciência da linguagem.

Além disso, estar ciente das questões de gênero é crucial para garantir a inclusão e a representatividade na pesquisa linguística. A linguagem não-binária é um campo em crescimento e merece ser estudada com seriedade e respeito. Ao considerar a diversidade de gênero, os linguistas podem evitar a linguagem preconceituosa e opressiva, que pode perpetuar desigualdades sociais e discriminação. A compreensão da linguagem não-binária também contribui para o desenvolvimento de políticas linguísticas mais inclusivas, beneficiando todos os falantes, independentemente de sua identidade de gênero. Portanto, a ciência da linguagem deve abraçar a sensibilidade de gênero como um elemento essencial para uma análise abrangente e ética da linguagem não-binária, ampliando nossos horizontes e refletindo a diversidade linguística presente em nossa sociedade.

2 PARTINDO DE UM MOTE DA LINGUÍSTICA MODERNA

Há mais de cem anos discute-se em que medida e o quão próximo o Curso de Linguística Geral (doravante CLG) é ou não uma herança fiel das reflexões do grande linguista genebrino Ferdinand de Saussure. Uma das primeiras lições da obra está intrinsecamente ligada a essas poucas palavras de Saussure (2012, p. 39): “é o ponto de vista que cria o objeto”. Nesse viés, esse mote é um lugar comum e fértil em reflexões de cunho epistemológico, sendo tal afirmação imprescindível para o pensamento saussuriano acerca dos estudos da linguística. Com base nisso, busca-se fazer o movimento de olhar para um fenômeno social com vistas a trazê-lo como objeto desta pesquisa. Mais precisamente, buscamos abordar o fenômeno da linguagem não-binária a partir de uma perspectiva prospectiva da teoria saussuriana tendo como pano de fundo a (re)visão de alguns conceitos como língua, linguagem e aproximações e distanciamentos entre o sujeito que está circunscrito na Linguística de Saussure e o sujeito da Linguística Queer. É inevitável revisitar e retomar os conceitos do mestre para que seja possível ressignificá-los com acontecimentos e fenômenos atuais.

O principal propulsor que motiva e instiga esse olhar prospectivo e transversal para o fenômeno da linguagem não-binária e seus sujeitos, através da ótica saussuriana, tem como pensamento seminal passagem:

Cumprirá acrescentar, ainda, que a reflexão não intervém na prática de um idioma; que os indivíduos, em larga medida, não têm consciência das

leis da língua; e, se não as percebem, como poderiam modificá-las? Ainda que delas tivessem consciência, é preciso lembrar que os fatos linguísticos não provocam a crítica, no sentido de que cada povo geralmente está satisfeito com a língua que recebeu (Saussure, 2012, p. 113, grifos nossos).

Dito isso, é possível ver que há uma relação entre a língua e as instituições sociais e afirmar que há “um equilíbrio diferente entre a tradição imposta e a ação livre da sociedade”. Dessa forma, entendemos que existem duas possíveis interpretações para esse contexto: a primeira, entender que nada pode ser feito com relação à língua, já que ela apenas existe e seus falantes não podem modificá-la. E, com isso, haveria, em Saussure (2012, p. 112), uma espécie de determinismo da língua. A segunda interpretação, a qual defende-se neste texto, estaria em pensar que Saussure, no parágrafo anterior, faz uma relação entre a língua e as instituições e afirma que há “um equilíbrio diferente entre a tradição imposta e a ação livre da sociedade”. Além disso, o mestre genebrino elenca a seguinte questão: “perguntar-se-á por que o fator histórico da transmissão domina totalmente e exclui toda transformação linguística geral e repentina” (Saussure, 2012, p. 112).

Acredita-se que Saussure também queria saber por que alguns elementos e formas se perpetuam na língua e agora, pensando na linguagem não-binária, por qual motivo há resistência na alteração da língua, sobretudo em um momento sócio-histórico que apresenta grande demanda de alterações. Considera-se que os estudos sobre a linguagem no âmbito dos escritos de Saussure combinados com algumas discussões e teorias atuais, como a Linguística Queer podem oferecer subsídios para pensar essa questão que está em voga. Será o intento, a partir de uma releitura da teoria do mestre genebrino, a busca para sustentação da relação entre língua e sujeito a partir do estudo de um fenômeno específico: a linguagem não-binária.

3 DESDOBRANDO OS RETALHOS NA BUSCA DE UM SAUSSURE PROSPECTIVO

É indubitável que o CLG foi/é fundamental para a Linguística moderna. Entretanto, as heranças e os efeitos deixados por Saussure não se resumem ao CLG. Há outras fontes por meio das quais se pode ter acesso às ideias do linguista, como cartas e manuscritos. Com base nisso, acredita-se que, quando Flores (2017, p. 25) fala: “Saussure é um tema atual, de interesse geral e multifacetado no Brasil”, é possível entender que a teoria saussuriana possui grande potencial em relação ao que ainda pode ser dito e (re)descoberto. Nesse mesmo texto, Flores (2017, p. 31) faz uma crítica dizendo que a linguística saussuriana no Brasil basicamente “olha para trás”. Esse “olhar para trás” significa que as pesquisas, no Brasil, são conduzidas por um

pensamento retrospectivo de interpretação do pensamento saussuriano.

Mais à frente ainda nesse texto, será visto que Flores (2017, p. 34) incentiva a ampliação dos horizontes da teoria saussuriana com vistas a um “saber prospectivo” que se configura como um saber ainda não descoberto obtido por meio de uma sólida informação retrospectiva. Na esteira dessas ideias, propõe-se, aqui, uma releitura da teoria saussuriana tendo como base o CLG, mais precisamente os conceitos de língua, linguagem e sujeito, teoria essa revista à luz de novas fontes documentais, como, por exemplo, Os Escritos de Linguística Geral (doravante ELG). Por isso, busca-se relacionar a teoria saussuriana com um novo olhar e não apenas partir de uma retrospectiva teórica *ad infinitum*, como tem sido geralmente feito.

Desse modo, definimos o fenômeno da linguagem não-binária como inquietante e socialmente necessário, pois, no contexto desse fenômeno, além do falante construir uma crítica e propor alterações sobre a língua, ele não se sente representado por algumas das formas de que essa dispõe. Para corroborar isso, é pertinente abordar a seguinte passagem sobre a importância da linguagem não-binária enquanto uma possível forma de inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Travesti, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e o +: aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo):

[...] as línguas elas são ao mesmo tempo, formadoras e informadoras das realidades, pessoas diferentes em tempos históricos diferentes, em realidades diferentes, trabalham línguas diferentes [...] o empreendimento da palavra é se lançar sobre novas realidades, a história da humanidade é composta de vários fatores: um dos mais curiosos é esse: como as línguas se alteram se transformam em novas coisas para de certa forma acompanhar o caminhar das coisas. Por exemplo, a palavra computador, até o século vinte, até meados do século vinte, não designava a máquina, mas era uma palavra usada para seres humanos que faziam cálculos. Hoje quando a gente fala computador dificilmente a gente pensa em uma pessoa que computa, mas numa máquina que computa. As palavras carregam consigo histórias de transformações sociais e essas alterações da realidade provocam alterações da linguagem, mas também é importante saber que alterações da linguagem podem propor alterações da realidade. Pensar uma linguagem não-binária é acompanhar o caminhar dos tempos [...] pela nossa capacidade de nos atentarmos sobre isso, a gente consegue abrir mão de algumas palavras e dizer que elas não são mais bem-vindas nesta realidade, porque a gente gostaria de construir outro tipo de realidade. [...] perceber, portanto, que a gente vive numa sociedade onde existe violência de gênero, onde existe contra pessoas LGBT, onde existe o apagamento das nossas identidades, pode nos propor uma mudança estrutural nos sistemas linguísticos (Von Huntz, 2020 apud Oliveira;

Freisleben, 2021, p. 56-57, grifos nossos).

Assim, este trabalho busca trazer uma contribuição teórica, com a formulação de novas formas de ler, prospectar e aplicar Saussure, e uma contribuição epistemológico. Esse fenômeno precisa ser visto e estudado sob a ótica da teoria do mestre genebrino.

Tendo em mente expandir os horizontes da teoria de Saussure, abarca-se também a seguinte passagem de Flores (2016, p. 89, grifos do autor): “Haveria uma linguística por ser feita que busque ver como se dá a articulação de valores contextuais e sua impressão na língua. Essa seria uma linguística de base saussuriana, interessada em ver como a língua contém a cultura, o homem, portanto”. Fica, então, evidente a urgência por algo que aqui intitula-se de uma proposta de linguística externa, uma linguística que seja da fala”. Externa, pois faz referência ao comum (social) e a valores contextuais presentes na língua; e da fala, pois diz respeito a ela o individual e o ilimitado, sendo, assim, a parole a condição da langue, na medida em que, os falantes da linguagem não-binária anseiam por uma mudança de operacionalização e impressão na língua através da fala, com base em uma construção social: o gênero.

Esse gênero, de acordo com Stoller (1968) é um termo multifacetado com forte arraigamento em fatores psicológicos e culturais. Em outras palavras, entende-se por gênero os traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, os gostos, a forma de falar e de se vestir e etc. Todos esses traços socialmente definidos têm influência direta na questão do gênero. Dito isso, é possível corroborar a relação entre o social e língua a partir da seguinte passagem de Flores (2016, p. 88) corrobora isso: “[...] o social – e tudo o que cabe nesse rótulo: sociedade, cultura costumes, histórias ritos, religiões, geografia, tempo etc. – está na língua, mas não é o objeto de estudo da linguística da língua, é condição de existência da língua”.

4 REMENDOS DE UMA COLCHA DE CONCEITOS: LÍNGUA, LINGUAGEM E SUJEITO

Nessa etapa do texto, parte-se do arcabouço teórico do mestre genebrino para buscar subsídios que embasem teoricamente os pontos abordados nesse estudo. A heterogeneidade das publicações associadas a Saussure é inegável. Dito isso, toda pessoa que faz pesquisa e escreve ancorado em suas teorias deve situar quem lê sobre o cenário que está sendo pintado. Para os mais apressados, os conceitos de língua e fala podem acabar se entrecruzando e suas diferenças passarem despercebidas. Será tomado o cuidado ao revisitar esses conceitos para que a leitura siga um caminho mais fluido e sem gerar confusão. Para Saussure (2012, p. 40): “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Aqui é possível ver a

facilidade da diferença entre língua e fala passar despercebida. Retoma-se a afirmação acima de modo a descosturar os conceitos, sem rasgá-los inteiramente um do outro.

O lado individual de que trata Saussure refere-se à fala (*parole*, do francês) e o lado social refere-se à língua (*langue*). Desse modo, sabe-se que para o mestre, a língua é um sistema estabelecido de valores. Já a fala refere-se ao exercício dessa faculdade [a linguagem], a prática realizada pelo indivíduo a partir de convenções, e não apenas o ato de fonação. De modo geral, para Saussure, *langue* e *parole* são conceitos distintos que não acontecem separados. Por esse motivo, apenas didaticamente descosturamos os conceitos, mas sem a intenção de rasgá-los por completo.

Saussure assumiu a missão de estabelecer o objeto científico da linguística e desenvolveu com maestria um método teórico rigoroso, para instituir a linguística como ciência. Até então, o objeto de estudo da linguística não tinha sido explicitamente delineado e essa foi uma das principais contribuições da (re)organização teórica feita nos estudos da linguagem pelo mestre genebrino. O legado é incontestável e até hoje há repercussões dentro das diversas áreas de conhecimento. O fato é que existe uma tradição dentro dos estudos linguísticos de que Saussure realizou um movimento de não discussão do sujeito ao priorizar os estudos sobre a língua.

Justamente por Saussure defender a ideia de que a característica do sistema linguístico é ser social, muitas vezes, é possível se deparar com certa dificuldade para dissociar a língua da fala. O ser social significa que o sistema é compartilhado por muitos indivíduos e que ao exercerem a linguagem, apesar de não terem consciência disso, estão fazendo a língua acontecer através da fala.

O que é interessante ressaltar aqui, em consonância com Silva e Milani (2011) é que Saussure busca uma certa harmonização na dicotomia *langue/parole*, duas oposições que não são compatíveis a primeira leitura da forma como estão estabelecidas: sistema e realização e sociedade e indivíduo. A primeira parte dessa dicotomia, (sistema e realização) advém de uma noção de língua enquanto interna ao indivíduo, e sua contraparte, a fala, como exterior a ele. Já a segunda parte (sociedade e indivíduo) se embasa na definição de língua como exterior ao indivíduo e sua contraparte individual como interna.

Modalizando essa perspectiva, é viável pensar que se a língua é um sistema e a base desse sistema é o indivíduo, responsável por abrigar as abstrações do social, é no interior do indivíduo que a língua se encontra armazenada em forma de imagens verbais e estruturada de forma que o conceito e a imagem acústica possam se encontrar e se relacionar com os demais signos linguísticos na produção de enunciados. Silva e Milani (2011) acreditam que é na esfera do indivíduo também que a língua se torna inteligível através de sua realização na fala. Logo, a dualidade sistema e realização está

para o indivíduo.

É fato que um único indivíduo não possui interna a si a língua completa, no sentido de todos os conceitos e imagens verbais, estrutura, cultura, costumes etc. que a compõem, mas possui o suficiente para representar o mundo que lhe cerca e desempenhar sua subjetividade para se colocar como sujeito. Sujeito esse, que surge de maneira inconsciente nas relações associativas, ou seja, sem ter conhecimento disso, numa relação de não-saber sobre a língua e sobre o que fazer na língua. Por isso Saussure insiste no fato de que a língua escapa à vontade:

Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental da língua que ele tem em si, e crie, de espírito descansado, formas novas (por ex. calmamente [...]) que ele se proponha (prometa) a “colocar” em seu próximo discurso. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva (Saussure, 2002, p. 87, grifos nossos).

Sobre essa relação entre o indivíduo e o sujeito, é oportuno trazer a seguinte passagem de um dos leitores de Saussure, Émile Benveniste (2005, p. 288) que textualiza: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser...”. Dito isso, é claro, que este é um estudo a partir de Saussure, e de que forma podemos encontrar o sujeito contemporâneo dentro da interpretação das duas noções de língua e fala. A concepção de língua como sistema de signos pode sustentar os estudos sobre o sujeito.

5 DIÁLOGO COM PRODUÇÕES PERTINENTES

A ampliação do referencial teórico neste estudo se mostra necessária frente à complexidade que envolve o fenômeno da linguagem não-binária, especialmente em um contexto social e linguístico altamente polarizado. Se o presente trabalho parte de uma perspectiva prospectiva da teoria saussuriana, é igualmente relevante aproximar esse olhar de outras contribuições recentes que tematizam diretamente o gênero gramatical e as transformações discursivas no português brasileiro.

Nesse ponto, é possível tensionar as visões estruturais com os debates trazidos pelos estudos da Linguística Queer (Borba, 2019; Louro, 2001), que compreendem a linguagem como campo de disputa por sentidos e identidades. A performatividade, conforme Judith Butler (2015), é central para essa discussão, pois evidencia que gênero não é uma identidade essencial, mas o efeito reiterado de atos linguísticos e corporais

normativos. Assim, o uso de formas neutras (como o sufixo -e, o "elu", entre outras) se insere como prática performativa de resistência e de (re)constituição de sujeitos.

Nesse sentido, o livro "Não existe linguagem neutra!: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro" de Raquel Freitag (2024) se destaca como uma das principais referências contemporâneas sobre a relação entre gênero e língua. Freitag (2024) propõe que o fenômeno da linguagem neutra, longe de ser homogêneo, representa um continuum sociolinguístico de mudança e disputa de sentidos, marcado por tensões entre tradição normativa e expressões emergentes da diversidade identitária. Para a autora, a gramática não é uma entidade neutra, mas um instrumento social, forjado por sujeitos históricos. Como ela afirma, "as gramáticas também mudam, não talvez com a velocidade que desejamos, mas mudam à medida que as novas regras se espalham na sociedade" (Freitag, 2024, p. 85).

Essa compreensão alinha-se, de certo modo, à noção de língua em Saussure, especialmente no que tange ao caráter coletivo e inconsciente das transformações linguísticas. Entretanto, Freitag traz ao debate uma camada fundamental: a consciência política e identitária como vetor de mudança, não apenas no plano lexical, mas também morfosintático. A autora critica a ideia de neutralidade linguística e evidencia como as propostas de linguagem neutra, ao confrontarem o masculino genérico, provocam um reposicionamento ideológico e estrutural da língua.

Outra contribuição essencial é o livro "Linguagem 'neutra': língua e gênero em debate" (Barbosa Filho; Othero, 2022), que reúne estudos plurais e interdisciplinares sobre as tensões entre língua, gênero e ideologia. As análises reunidas nesse volume indicam que o fenômeno da linguagem neutra não pode ser encarado apenas como desvio linguístico ou ideologização externa, mas como um campo legítimo de disputa por reconhecimento simbólico, político e social.

Dentre os estudos que se voltam especificamente para os limites morfológicos e fonológicos da mudança linguística, destaca-se o artigo "Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico", de Luiz Carlos Schwindt (2020). O autor, ao analisar a produtividade de marcas gramaticais e o funcionamento interno do sistema linguístico, conclui que certas estratégias de neutralização, como o uso do sufixo "-e" (em "amigue", "professore"), possuem maior potencial de difusão social por apresentarem menor resistência fonológica e morfológica do que formas com "x" ou "@". No entanto, Schwindt (2020) também enfatiza que a eficácia dessas formas depende de sua espontaneidade e naturalidade no uso real, isto é, sua adoção contínua pelos falantes como parte do vernáculo cotidiano e não apenas de propostas conscientes e deliberadas.

Essa tensão entre a sistematicidade interna da língua e as demandas externas por

representatividade de gênero também aparece nos trabalhos de Carlos Alberto Faraco, entrevistado na revista *Conexão Letras* (Oliveira *et al.*, 2022). Faraco alerta para os riscos de reduzir a linguagem neutra a uma questão meramente gramatical, defendendo que sua relevância está no plano discursivo e ideológico, como forma de expressão e visibilidade para sujeitos historicamente marginalizados. Para ele, a linguagem neutra é "uma proposta válida como estratégia política", ainda que exequibilidade linguística plena seja desafiadora no português. Assim, a gramática deve ser vista como um espaço de conflito e transformação, e não como um conjunto fixo de regras imunes a pressões sociais. Valdir do Nascimento Flores acrescenta que tais formas representam uma busca por existência discursiva de sujeitos historicamente apagados.

Portanto, ao se discutir linguagem neutra, não se trata apenas de transformar a estrutura da língua, mas de tensionar seus usos e possibilidades a partir de sujeitos que a performam, a reinventam e, ao fazerem isso, também produzem novas formas de existir e de significar. Trata-se, assim, de uma disputa epistemológica, ética e política no âmbito da linguagem, que nos obriga a (re)pensar Saussure à luz das urgências do presente.

6 AS PESSOAS COMO SUJEITOS E A LINGUÍSTICA QUEER

Tendo colocado em evidência língua e sujeito e aproximado esse de uma perspectiva Saussuriana, faz-se necessário movimentar, principalmente, o conceito de sujeito, pois é a partir dele que vamos adentrar o terreno da Linguística Queer e para falar desse tema é necessário ir para esfera social e discutir sobre a pessoa queer. A palavra queer de acordo com Borba (2020) surgiu no século XVI, quando carregava significados como "estranho" ou "excêntrico". Contudo, o termo popularizou-se pela mídia apenas no século XIX, quando John Douglas Marquês de Queensbury, utilizou em um processo judicial que levou o amante de seu filho, Oscar Wilde, para prisão e desde então o termo consolidou-se como um insulto de teor homofóbico.

Se, outrora, queer não passava de uma ofensa, sua apropriação por ativistas e pesquisadores alargou seu campo semântico e, de fato, tem desafiado os limites linguísticos do processo de significação que, segundo Saussure, requer uma associação sólida entre um significante e um significado. Atualmente, de acordo com, Louro (2004, p. 8) explica que queer "é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecível" e, acrescentaria eu, do intraduzível.

Partindo desses "novos" sujeitos (novos para língua, os sujeitos existem e resistem há muito tempo), obviamente vão existir novas formas de interação da/na

língua e representação dos sujeitos. Dessa forma, surge a Linguística Queer. Linguística essa que se lança ao desafio de investigar o papel da linguagem em conferir ou retirar sentidos das múltiplas formas de vivenciar a sexualidade e desejos sexuais, incluindo aí a heterossexualidade. A linguagem é parte constitutiva do humano e, por consequência, pode influenciar em como esse se relaciona na sociedade. Dessa forma, a busca por representatividade de pessoas Trans e Não-binárias está ganhando destaque em diversos cenários do mundo. Enquanto alguns idiomas possuem naturalmente suporte para a não-binariedade dos pronomes, a língua portuguesa estabelece em sua norma culta apenas a flexão de dois gêneros binários (masculino e feminino). Exclui-se, portanto, as pessoas que não se encaixam em nenhum desses dois. Por isso, ser um sujeito queer passou a ser e ter um novo significado formas da língua, o falante passou a priorizar sua marcação também nas formas da língua. Quando o falante se lança nessa empreitada de querer se fazer presente/marcar na língua e pela linguagem.

7 UMA FORMA DE EXPRESSÃO: SUJEITOS E LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA

Tendo (re)alocado os sujeitos em seus respectivos espaços e feita a devida aproximação com a teoria, é importante salientar que neste texto, que na esfera social trabalha-se com pessoas queers e na esfera linguística com sujeitos. Além disso, acreditamos que o principal ponto de interseção entre a teoria saussuriana e a linguagem não-binária seja o sujeito. Essa perspectiva do social e do sujeito pode ser corroborada a partir das seguintes passagens de Flores (2016, p.84-87): “O etnismo, o vínculo social, cria uma comunidade de língua que, por sua vez, constitui uma certa unidade étnica.”; “A comunidade de língua possibilita afirmar a comunidade social” e “É na relação do social com o arbitrário que Saussure imprime uma marca de especificidade ao seu raciocínio. Não se trata de negar o papel da sociedade na mudança linguística, mas de situá-la como uma condição de existência da língua.”.

Desse modo, este texto corrobora o fato de que, de acordo com Oliveira (2020, p. 143) destaca que a identidade de um indivíduo, geralmente, refere-se aquilo que é comum entre os indivíduos que compõem um grupo, como por exemplo, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros; já o sujeito consegue se singularizar dentro desses grupos, fazendo uso de sua subjetividade. Nesse ponto, acredita-se que a linguagem não-binária pode ser utilizada como uma forma de se singularizar e ao mesmo tempo se marcar na língua.

A linguagem não-binária é, de acordo com Mokwa (2019) uma proposta de: “grande revolução na sociedade: que todas as suas partes sejam devidamente respeitadas em sua expressão de individualidade e incluídas no corpo social, sem

qualquer distinção de gênero”. O intuito da Linguagem não-binária é promover a inclusão dos diversos gêneros sexuais e sociais, da comunidade LGBTQIA+, comunidade essa, que enfrenta os paradigmas e preconceitos arraigados em alguns indivíduos da sociedade. Freisleben e Oliveira (2020) mostram, através de notícias, que essa é uma discussão que ocorre em todo o mundo e vai desde ações como aplicação de multas por desrespeito a identidade de gênero e os respectivo pronomes de uma pessoa até alteração no hino nacional de um país como é o caso da Austrália.

Assume-se que foi possível mostrar nesta pesquisa a forma como sujeito, língua e linguagem não-binária podem ser vistos e estudados sob a ótica da teoria do mestre genebrino. Afinal, como já dito, esse é um “problema” de linguística em diversos cantos do mundo e conforme a sociedade, seus indivíduos e por consequência, seus sujeitos avançam suas formas de ser e significar é necessário espaço para acompanhar e discutir sobre essas mudanças, principalmente dentro da academia, pois de acordo com Flores (2019, p. 370), “[...] os problemas são gerais de linguística porque são pertinentes a toda e qualquer linguística, e o fato de que se inter-relacionam é a prova mais cabal disso”.

8 NAS LINHAS DE UMA (IN)CONCLUSÃO

Tendo em vista o tema que foi abordado nesta pesquisa, não se acredita que possa existir uma conclusão, pois como se pôde ver, a teoria saussuriana e o fenômeno da linguagem não-binária são temas muito férteis para discussão. Entretanto, é importante salientar que: Ferdinand de Saussure separou língua e linguagem e formulou os conceitos basilares da linguística moderna. Não há como não citar Ferdinand de Saussure, mesmo quando se quer instaurar um novo paradigma de investigação linguística, ou estudar um fenômeno tão atual como a linguagem não-binária.

Nesse cenário, acredita-se que há em Saussure espaço para discutir e relacionar com acontecimentos atuais seja fazendo uso de conceitos atribuídos a Saussure ou partindo de sua grande contribuição para a linguística, como diria Benveniste (2005, p. 35): “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”. E aqui, neste trabalho, foi proposta uma reflexão sobre um Saussure diferente como Flores (2017, p. 32) cita: “A ausência do que eu chamaria de “um olhar para frente” tem uma consequência grave: o Saussure ensinado em cursos de graduação em Letras no Brasil ainda é, em sua maioria, um Saussure dicotômico, estruturalista e com pouco, ou nenhum, potencial de inovação”.

A abordagem do fenômeno da linguagem não-binária através das teorias e teóricos da linguística do século XX é de extrema importância, pois permite uma

compreensão mais profunda e abrangente dessa realidade linguística em constante evolução. Ao aplicar a perspectiva saussuriana e outras teorias linguísticas ao estudo da linguagem não-binária, podemos desvendar as complexidades e dinâmicas subjacentes a essa expressão identitária. Além disso, essa análise contextualizada proporciona uma base sólida para o diálogo interdisciplinar, permitindo o enriquecimento do conhecimento e o fomento de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade linguística e identitária.

Ao considerar os avanços conceituais e metodológicos dos teóricos do século XX, abrimos caminho para uma linguística contemporânea mais sensível e atenta à diversidade de gênero e identidades, promovendo, assim, a visibilidade e o empoderamento das pessoas não-binárias no discurso acadêmico e social. Dito isso, espera-se que este trabalho sirva também como uma fonte inspiração para que cada vez mais pesquisas (re)vejam a teoria de Saussure com lentes para questões atuais de língua e linguagem. Afinal, “O tempo altera todas as coisas; não há razão para que a língua escape a esta lei universal” (Saussure, 2012 p.117). Que este trabalho, portanto, inspire novas leituras, revisitas e deslocamentos — tanto do legado saussuriano quanto da própria linguística — em direção a uma ciência mais comprometida com a escuta e com a construção de um futuro em que todas as vozes possam significar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, F.R.; OTHERO, G.A. **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.

BORBA, R. **Discursos Transviados por uma Linguística Queer**. 1. Ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2020.

FLORES, V. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2017.

LAHIRE, B. **A Cultura dos Indivíduos**. Trad. Fátima Murad. Artimed: São Paulo, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOKWA, M. O papel e a função da linguagem não binária ou não-binária no contexto das redes online. **Revista Movimento**. São Paulo, 28 fev, 2019.

OLIVEIRA, A. Subjetividade(s) e identidade(s): a construção da posição enunciativa a partir de

cartazes em eventos da comunidade LGBTQIA+. **Revista ao pé da letra**, v. 22, n. 1, p. 139-155.

OLIVEIRA, A. M. de; FLORES, V. N.; BATTISTI, E. M. B. “A linguagem é bem outra coisa”: diferentes olhares para a linguagem neutra – entrevista com Carlos Alberto Faraco, Valdir do Nascimento Flores e Eli Maria Bittencourt Battisti. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 17, n. 27, p. 04-17, jan./jun. 2022.

FLORES, V. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2017

FLORES, V. Notas para uma leitura do antropológico no Curso de linguística geral. In: FARACO, C. (Org.). **O efeito Saussure** – cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 73-9.

FLORES, V. **Problemas gerais de linguística**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

FREISLEBEN, L.; OLIVEIRA, A. A presença e o reconhecimento de todes, todas e todos: um olhar enunciativo para os dizeres sobre a linguagem neutra/inclusiva/não binária. **Revista Ideias**, n. 30, 1.º semestre de 2021, p. 51-67.

FREITAG, R. **Não existe linguagem neutra!**: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2024.

Guia da Diversidade LGBT - Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php?pag=apresentacao>>. Acesso em: 4 ago. 2023.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, SP: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de Linguística Geral**. 12. ed. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2004.

SILVA, D; MILANI, S. Saussure - as consequências a instituição de um elemento híbrido, a langue, um sistema/fato social, como objeto da linguística. **Anais do SILEL**. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da Abralín**, v. 19, n. 3, p. 343-370, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1457>. Acesso em: 31 jul. 2025.

STOLLER, R. J. **Sex and gender**: the development of masculinity and femininity (1968). Londres: Karnac Books, 1984.